

O SENTIDO POLÉMICO DO "MENEXENO" DE PLATÃO

Pretende este trabalho fazer um cotejo entre o *Menexeno* de Platão e o *Panegírico* de Isócrates. A partir daí, tentaremos mostrar que este diálogo platónico é mais uma peça na polémica que opôs os dois mais célebres chefes de escola da primeira metade do séc. IV A. C. em Atenas.

Divide-se em três partes: na primeira, é estudado o *Menexeno* para se dilucidar se este deve ser tomado em sentido satírico ou não; na segunda, é apresentado o *Panegírico* para se salientar a sua estrutura e objectivos; por fim, na terceira, expomos a nossa posição perante os dois textos à luz das posições ideológicas sustentadas pelos seus autores.

1. O *MENEXENO*

Encontra-se neste diálogo um modelo de oração fúnebre então em voga no séc. IV A. C. e que tinha os seus antecedentes no século anterior sobretudo na oração pronunciada por Péricles conservada na *Guerra do Peloponeso* de Tucídides¹ e na *Olimpica* do sofista Górgias.

Numa época em que florescia tal género literário, surge todavia como insólita esta oração em memória dos mortos ilustres, na produção platónica. Insólita, porque o filósofo em diálogo anterior, o *Górgias*², tinha atacado a retórica.

¹ Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, II, 35-46.

² Veja-se, por exemplo, *Gorgias*, 462 b-e.

O problema que se levanta é saber se o *Menexeno* pretende apresentar um modelo de oração fúnebre como faziam os retóricos ou, se pelo contrário, o diálogo é uma crítica à retórica vigente para mostrar a falta de conteúdo duma manifestação cultural divulgada na Grécia desde o século anterior. Mas, para se responder a esse problema é necessário analisar, nas linhas gerais, a oração contida no diálogo, assim como as considerações de Platão no princípio e no final deste escrito.

A oração está dividida em três partes: na primeira, celebra-se a qualidade do nascimento dos heróis mortos; na segunda, a maneira como foram criados e educados e, na terceira, o valor manifestado por esses mesmos heróis³.

Atenas surge como um território cujos habitantes são autóctones não descendendo, portanto, de qualquer povo invasor. Terra amada pelos próprios deuses, o que faz dela um local privilegiado da Grécia. Os heróis que são louvados são produto duma organização política notável. A oração lembra também as guerras lendárias sustentadas por Atenas, as guerras pérsicas e aquelas que a puseram frente a frente com outras cidades gregas. No final há uma exortação e consolação aos familiares daqueles que repousam para sempre.

O *Menexeno* apresenta, desta maneira, os ingredientes que eram próprios às orações pronunciadas em ocasiões semelhantes. O aspecto lendário e o aproveitamento da história ateniense cortando-lhe os episódios mais sombrios faziam parte das orações então pronunciadas e que contrastavam com aquela que Tucídides tinha posto na boca de Péricles. Enquanto neste se falava, sobretudo, nas instituições, na política ateniense, os modelos apresentados pelos retóricos eram mais empolados, forçando até os próprios acontecimentos.

Qual o mérito de uma oração fúnebre para Platão?

São orações longamente preparadas e deixam uma impressão profunda no espírito dos ouvintes, como por exemplo Sócrates, que guarda essa impressão durante quatro ou

³ *Menexeno*, 237 a, b.

cinco dias!⁴. Não é difícil ao orador improvisar sobre estes temas pois «se fosse necessário diante dos Espartanos dizer bem dos Atenienses ou dizer bem dos Espartanos diante dos Atenienses, então sim, era necessário ser um bom orador para persuadir os auditores e para adquirir reputação»⁵.

Esta última passagem parece-nos conduzir ao conceito que Platão tinha dos oradores do seu tempo assim como daqueles de décadas mais recuadas. Estes tinham tarefa relativamente fácil (não obstante prepararem longamente os discursos) na medida em que a sua intenção era apenas agradar aos ouvintes fazendo o elogio não só destes como o do tempo passado. Esta facilidade encontra-se corroborada pelo próprio Sócrates que diz a Menexeno: «não haveria nada de surpreendente que eu fosse capaz de falar, eu que segui as lições duma mulher que em matéria de arte oratória não era sem valor, duma mulher que, pelo contrário, formou muitos bons oradores, um em particular o mais ilustre da Grécia, Péricles filho de Xantipo»⁶.

Sócrates quer referir-se a Aspásia que «compôs a oração fúnebre que Péricles pronunciou»⁷. Ora Sócrates irá apresentar o discurso que ouviu à célebre cortesã e que ocupa a parte central do diálogo. Seguindo a maioria dos comentadores nós vemos nesta passagem como noutras já citadas o aspecto satírico que este diálogo platónico reveste.

No final desta obra, Sócrates diz ao seu interlocutor: «não te atrevas a denunciar-me para encontrares em mim, outra vez ainda, o contador de numerosos belos discursos políticos feitos por ela» a que Menexeno responde: «Tem confiança! Não te denunciarei na medida em que tu me os contares»⁸.

Tanto o prólogo como o epílogo parecem indicar que o Menexeno é uma crítica, embora neste ponto os comen-

⁴ Menexeno, 235 c.

⁵ Menexeno, 235 d.

⁶ Menexeno, 235 e.

⁷ Menexeno, 236 b.

⁸ Menexeno, 249 e.

tadores não estejam de acordo sobre contra quem ela é dirigida.

Antes de tentarmos responder cabalmente a essa questão, não podemos deixar passar em silêncio a posição de Pamela Huby⁹ que considerou o *Menexeno* como uma obra que devia ser tomada a sério, e não como uma sátira como o pretendeu a maioria dos estudiosos que se debruçaram sobre ela.

Segundo P. Huby, na Antiguidade o *Menexeno* recebeu elogios pela oração inserida, não se fazendo menção da índole crítica como pretende a maior parte dos autores modernos.

Assim, Hermogenes¹⁰ tinha-o na conta do mais belo dos panegíricos, enquanto Dinis de Halicarnasso¹¹, embora apontasse alguns defeitos, tinha em alta estima a consolação aos familiares. Cícero¹², enquanto esteve em Atenas viu que a oração platónica era recitada em honra dos mortos. Estas opiniões e, sobretudo, o que o orador romano Cícero contava como testemunha ocular, levaram a autora citada a sustentar a interessante tese de que Platão tinha escrito o *Menexeno* com uma intenção diferente daquela que apresentámos.

Não obstante a penetração de que a autora dá mostras, não nos parece que os seus argumentos invalidem a tese do tom satírico deste diálogo.

Que Hermógenes e Dinis de Halicarnasse tivessem elogiado a oração, não é facto que nos espante: realmente, Platão tendo um talento literário notável e utilizando as regras da retórica em voga, podia muito bem conseguir uma oração de elevado nível literário, como aliás aconteceu. Que os atenienses recitassem a oração, em cerimónia apro-

⁹ Pamela Huby, *The Menexenus Reconsidered*, in *Phronesis*, II, 1957. págs. 104-114.

¹⁰ P. Huby, *ob. cit.*, pág. 105.

¹¹ P. Huby, *ob. cit.*, pág. 105.

¹² P. Huby, *ob. cit.*, pág. 106-7.

priada é fácil de compreender, pois retirando-se o diálogo entre Sócrates e Menexeno, no princípio e final da obra, restava uma oração que, como dissemos, literariamente não era inferior àquelas que os oradores profissionais tinham apresentado. Tomando-se isoladamente a oração contida no diálogo, esta poderia ser apreciada, não só fora do contexto do diálogo, como também, fora do contexto da filosofia platónica. Ora, nós fizemos notar que, no âmbito do diálogo esta surge como uma crítica e na terceira parte deste trabalho pretendemos reforçar esta opinião encarando-a dentro dos parâmetros da própria filosofia platónica.

Mas, antes disso, diremos algumas palavras sobre o Panegírico de Isócrates para assim prepararmos a nossa conclusão.

2. O «PANEGÍRICO» DE ISÓCRATES

Cerca de 380 A. C., Isócrates publicou um discurso no qual teria trabalhado longamente — o *Panegírico*. Era a sua obra mais audaciosa e com ela, possivelmente, queria marcar posição de relevo não só na vida cultural de Atenas, como chefe de uma escola de retórica, mas na própria vida política, ao apontar os rumos que Atenas deveria seguir¹³.

O seu grande objectivo político encontra-se logo no início: «... venho para dar conselhos respeitantes à guerra contra os bárbaros e à concórdia entre nós»¹⁴.

A sua pretensão como chefe da Escola que se quer superiorizar é extremamente nítida: «espero ultrapassar de tal maneira os outros que eles parecerão não terem dito nada sobre esse ponto»¹⁵.

¹³ Quanto a este tema veja-se Werner Jaeger, *Paideia*, Lisboa, s/d, págs. 1029-43.

¹⁴ *Panegírico*, 3.

¹⁵ *Panegírico*, 4.

Isócrates, mais velho que Platão, vinha sustentando com este uma polémica a que faremos referência na última parte deste trabalho.

A sua Escola, na medida em que ultrapassasse as outras em virtuosismo retórico, podia surgir como a mais famosa e a mais eficiente de Atenas, o que queria dizer, apesar das vicissitudes sofridas pela cidade, como a mais importante de toda a Grécia.

A ideia mestra do *Panegírico*, sob o ponto de vista político, era o pan-helenismo, ou seja, a concórdia entre todos os gregos cujo objectivo comum seria a destruição do Império Persa¹⁶.

Não obstante o intuito político do escrito isocrático, este é um elogio, seguindo também uma linha tradicional, do papel de Atenas dentro do mundo grego. E, muitos dos aspectos aí focados eram tema de orações fúnebres que os oradores aproveitavam para elogiar os feitos da Cidade a que os heróis mortos pertenciam.

Assim, Isócrates fala do povo ateniense como autóctone, ocupando um solo que era o mais amado pelos deuses, mostrando o papel desempenhado por Atenas em guerras fabulosas, e nas guerras médicas, tema sempre caro aos atenienses e em que os oradores se esqueciam deliberadamente do papel de Esparta, fazendo a justificação do Império Ateniense, que nessa época era uma nostalgia para o cidadão ateniense, e terminando o grande retórico por mostrar a necessidade de lutar contra a Pérsia e as circunstâncias favoráveis para tal empreendimento¹⁷.

Era, pois, uma oração que, segundo o prólogo do *Menexeno*, não deveria ser muito difícil na medida em que elogiava os Atenienses diante deles próprios. Era uma oração, enfim, em que, não obstante a sua índole mais geral, pois se apresenta como um programa político, continha os elementos que Platão criticava.

¹⁶ *Panegírico*, 129-149.

¹⁷ *Panegírico*, 160-166.

3. O «MENEXENO» COMO UM ATAQUE AO «PANE- GÍRICO» DE ISÓCRATES

Ao apresentarmos sucintamente os objectivos e a estrutura do *Panegírico* de Isócrates, quisemos conduzir a nossa conclusão para uma tese diferente das apresentadas até hoje, que o saibamos.

Se o *Menexeno* é um diálogo satírico podem-se pôr as seguintes interrogações:

a) é pura e simplesmente uma crítica à oração fúnebre de Péricles, representando ao mesmo tempo um ataque à sua política?

b) é uma crítica, em geral, à retórica do séc. IV A. C.?

c) visará o *Menexeno* uma personalidade em particular (exceptuando Péricles)?

Karl Popper¹⁸, que teve o mérito de chamar a atenção para o *Menexeno*, afirmou que este diálogo era dirigido contra Péricles. Não nos repugna ver no *Menexeno* mais um golpe dirigido contra o célebre político ateniense; mas, parece-nos, também, que o diálogo não pode, de forma alguma, reduzir-se a tão pouco.

Como fizemos já notar, o tom, os temas, a tónica, não são concordantes na oração de Platão e naquela que foi conservada por Tucídides. Pese, embora, aos nomes ilustres que defenderam tal ponto de vista, achamos estranho que um cotejo dos dois textos levasse a essa conclusão.

A intenção platónica, é certo, é esgrimir com a retórica do séc. IV A. C. O que está em causa é um certo estilo de redigir discursos e, subjacente a isso, mais profundo ainda, é um tipo de educação que, legado sobretudo por Górgias, tinha na primeira metade do séc. IV A. C., como representante máximo, o célebre chefe de Escola, Isócrates¹⁹.

¹⁸ K. Popper, *The Open Society and its enemies*, I — *The Spell of Plato*, London, 1969, pág. 96.

¹⁹ E. Chambry considera que o *Menexeno* visasse talvez, Isócrates (na sua introdução ao *Menexeno*, Paris, 1967, pág. 291).

O grande retórico tinha já entrado em polémica com Platão no *Contra os Sofistas*, discurso publicado em 391 ou 390 A. C. e no *Elogio de Helena* que teria sido publicado em 390 A. C. ou alguns anos depois. No primeiro destes discursos, Isócrates diz: «nada me faz ver que a virtude se possa ensinar: em geral, eu penso que não há nenhum método que possa provocar a sabedoria e a justiça naquele que a sua natureza não predispõe à virtude; mas também não creio que o estudo da eloquência pública não possa dar um grande encorajamento e facilitar-lhe o exercício»²⁰.

No segundo discurso citado, referindo-se concerteza a Platão e englobando-o num ataque que dirige a contemporâneos, escreve: «outros expondo longamente que a coragem, a sabedoria e o espírito de justiça não são senão a mesma virtude; que por natureza não possuímos nenhuma destas qualidades e que existe apenas uma ciência que diz respeito a todas elas»²¹.

Estas passagens deviam referir-se à doutrina expressa no *Protágoras* em que se expõe a unidade da virtude e a possibilidade de esta ser ensinável²².

A posição platónica contrapunha Isócrates o estudo da eloquência como a paideia para formação do homem político.

O que está em causa, portanto, é o processo pedagógico e filosófico de formar aqueles que irão gerir a coisa pública.

Cerca de 386 A. C., ou seja, após o seu regresso da primeira viagem à Sicília, Platão escrevia a *Górgias* que nós situamos não no fim do período da Juventude mas logo no princípio do da Maturidade²⁴, como um programa da Academia, lugar esse que, segundo Robin, seria ocupado pelo *Menexeno*²⁴. O *Górgias* era uma crítica severa à retórica,

²⁰ *Contra os Sofistas*, 21.

²¹ *Elogio de Helena*. I.

²² *Protágoras*, 361 a-c.

²³ Quanto aos «períodos» de Platão veja-se, L. Robin, *Platon*, Paris, 1968, págs. 29-31.

²⁴ L. Robin, *ob. cit.*, pág. 30.

mostrando, sob o ponto de vista platónico, que esta não tinha uma fundamentação filosófica, na medida em que o orador, embora falando do justo e do injusto, desconhecia o que tais termos representavam²⁵. A retórica surgia, pois, como um simulacro da ética e da política.

O *Menexeno*, que Meridier²⁶ coloca em 386 A. C., é quanto a nós posterior alguns anos a essa data. Ele teria aparecido pouco depois do *Panegírico*, cerca de 380 ou 379 A. C. e representaria um ataque muito mais directo, embora sem a amplitude filosófica do Górgias, mas também, possivelmente, muito mais eficiente na medida em que Platão mostrava aos seus contemporâneos que era capaz de escrever uma oração fúnebre, que esta como a dos retóricos era vazia de conteúdo e que, em suma, a formação retórica pouco valia em comparação com a paideia filosófica que Platão, pouco a pouco, ia edificando.

Em conclusão, e este era o ponto onde desejávamos chegar, o *Menexeno* é mais uma peça na polémica que se prolongava entre duas das figuras mais relevantes na vida cultural grega, Platão e Isócrates, e satirizava directamente o *Panegírico*.

Álvaro dos Penedos

²⁵ Górgias, 459 c-460 d.

²⁶ Méridier, na sua edição do *Menexeno*, Paris, 1956, pág. 82.